



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **A DISLEXIA NA CONCEPÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Fabiana Martins de Freitas<sup>1</sup>; Martileide da Costa Henrique<sup>1</sup>; Alécia Lucélia Gomes<sup>2</sup>

*1. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) fabiana--17@hotmail.com; 1. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) martyleide@gmail.com; 2. Mestre em letras (UFPB) alecia\_lucelia@yahoo.com.br.*

### **RESUMO**

A leitura e escrita são algumas das aprendizagens mais importantes para o indivíduo, pois permitem que o mesmo tenha acesso a diversos outros saberes. Em contrapartida, há várias dificuldades que impossibilitam que esse processo ocorra normalmente, a exemplo da dislexia, distúrbio de aprendizagem específico na área da leitura, escrita, soletração e decodificação de sinais. O distúrbio torna-se evidente nos primeiros anos da vida escolar do aluno, por essa razão há necessidade de professores preparados para detectar as principais características. Com base nisso, este artigo objetiva explorar, por meio de questionário, as concepções dos professores referentes à dislexia. Participaram neste estudo 20 professores, ambos das escolas municipais das cidades paraibanas Cacimba de Dentro e Tacima. O estudo aplicado apresentou questões sobre a definição para a dislexia, bem como suas causas, características e formação do professor. O questionário foi aplicado nas respectivas escolas. As respostas foram avaliadas por meio de análises e exposição de gráficos e tabelas para a compreensão dos dados. Os resultados obtidos chamaram atenção para a falta de capacitação dos professores, fator esse que resultou em concepções distorcidas acerca da dislexia.

**Palavras-chave:** Dislexia, Dificuldades, Concepções, Professores.

### **ABSTRACT**

Reading and writing are some of the most important learning for the individual as they allow it to have access to various other knowledge. In contrast, there are several difficulties that prevent this process normally occurs, the example of dyslexia, specific learning disability in the area reading, writing, spelling and decoding signals. The disorder is evident in the early years of the student's school career, therefore no need for trained teachers to detect the main features. Based on this, this article aims to explore, through a questionnaire, the views of teachers regarding dyslexia. 20 teachers participated in this study, both the municipal schools of the cities Paraíba Cacimba de Dentro and Tacima. The study applied had questions about the definition for dyslexia and its causes, characteristics and teacher training. The questionnaire was administered in their schools. Responses were evaluated through analysis and display of graphs and charts to understand the data. The results drew attention to the lack of training of teachers, a factor that has resulted in misconceptions about dyslexia.

**Keywords:** Dyslexia; Difficulties; Conceptions; Teachers.

### **Introdução**



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A aquisição da leitura e escrita é uma das mais importantes competências cognitivas para o indivíduo. A obtenção desse processo é essencial na vida acadêmica de qualquer pessoa, contudo, a sua importância não é a garantia que todos possam alcançá-lo de forma plena. Nessa perspectiva, enquadram-se os alunos que apresentam grande grau de dificuldade na aquisição da escrita e, principalmente, leitura.

Diante dos diversos problemas de aprendizagem, a dislexia apresenta-se como um tipo de dificuldade que afeta um considerável público de alunos e por isso tem sido foco de estudos não somente da educação, mas de diversas áreas.

De acordo com um breve levantamento bibliográfico realizado, constatamos que a palavra dislexia vem do grego, *dys* significa distúrbio ou dificuldade e *lexia* quer dizer leitura, afirma Luca (2009), portanto, esse termo refere-se às pessoas que apresentam dificuldade na leitura ou dificuldade para desenvolver a linguagem. Por se tratar de um quadro tanto educacional como clínico e psiquiátrico, como sugere Massi e Santana (2011), é comum encontrarmos significados e classificações sob diversas óticas.

Em meio ao vasto universo teórico, detectado na literatura, consideraremos que a dislexia é um transtorno específico de aprendizagem da leitura, comprovadamente de origem neurobiológica, caracterizado pela dificuldade na habilidade de decodificação, soletração, fluência e interpretação (ALVES; MOUSINHO; CAPELLINI, 2011, p. 31).

Nessa perspectiva, por ser uma dificuldade de aprendizagem, a dislexia não pode passar despercebida no âmbito escolar. Para detectá-la, o professor precisa estar atento, perceber os sinais do distúrbio e sobretudo, ser capacitado para isso.

A realidade, quanto à formação apropriada do educador, é um ponto bastante crítico. Segundo os estudos de Capellini e Rodrigues (*apud* GONÇALVES; CRENITTE, 2014, p.02), diversos professores possuem formação inicial e continuada deficitária em relação aos transtornos de aprendizagem. Essa afirmação nos leva a compreender que é preciso analisar o



que sabem os educadores a respeito da dislexia e, posteriormente, orientá-los para que os mesmos possam nortear o aluno disléxico com práticas adequadas.

Com base nisso, elaboramos esse artigo, fruto de um trabalho monográfico, com a finalidade de investigar o que os professores do Ensino Fundamental compreendem a respeito da Dislexia. Nosso principal objetivo de pesquisa foi investigar as concepções dos professores do Ensino Fundamental das escolas municipais (Arnoud Dantas do Nascimento da cidade de Cacimba de Dentro e Terlópeds Cruz da cidade de Tacima, ambas da Paraíba) a respeito da dislexia e a influência de sua compreensão no processo de aprendizagem dos disléxicos.

Sabendo que o professor é um agente importante no processo de ensino aprendizagem e que sua formação acadêmica influencia para o desenvolvimento do processo linguístico, principalmente, com crianças com distúrbios de aprendizagem, objetivamos, também, analisar possíveis relações entre a formação do professor e a influência de seus conhecimentos, mediante a problemática em questão.

Justificamos a elaboração dessa pesquisa pelo o fato da dislexia ser um distúrbio, aparentemente desconhecido na área educacional, sobretudo, pelos profissionais envolvidos. Dessa forma, descobrir o que os professores sabem a respeito desse tema norteará investigações futuras. A pesquisa não visa o levantamento de críticas ou elogios ao educador, mas um caminho que possibilitará um estudo significativo para alunos e professores.

A problemática, aqui levantada, busca compreender até que ponto os conhecimentos do professor, acerca da dislexia, podem contribuir no acompanhamento de estudantes disléxicos.

## **Metodologia**

Visando almejar os objetivos aqui propostos, nos utilizamos de um estudo de campo em duas escolas municipais da Paraíba, Arnoud Dantas do Nascimento da cidade de Cacimba de Dentro e Terlópeds Cruz da cidade de Tacima.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A metodologia que nos norteou foi um questionário, aplicado para 20 professores, sendo 10 de cada escola. O mesmo apresentou perguntas abertas e de múltiplas escolhas. A fim de evitar respostas pesquisadas em outras fontes que pudessem interferir no resultado da pesquisa, o questionário foi aplicado na presença do entrevistador e o professor teve todo tempo preciso para responder as perguntas. A aplicação dos questionários foi concluída depois de oito visitas nas escolas citadas, o mesmo foi aplicado no mês de março de 2015.

Após todos os dados colhidos, segundo o questionário aplicado, avaliamos a posição de todos os professores em cada resposta apresentada. Os resultados serão expostos nesse artigo de maneira argumentativa e com exposição de gráficos quando for necessário.

### **Resultados e Discussão**

Participaram nesse estudo 20 professores do Ensino Fundamental. Desses, 10 lecionam na escola Terlópedes Cruz na cidade de Tacima e 10 na escola Arnoud Dantas do Nascimento na cidade de Cacimba de Dentro. Para identificação dos participantes, construímos um questionário com espaço para idade, tempo que leciona e sua formação. Os entrevistados possuem em média 39,5 anos de idade. A média de tempo de serviço está em torno de 16 anos. Quanto as habilitações, foram entrevistados 12 graduados (60%), 5 pós-graduados (25%) e 3 magistrados que estão graduando (15%). Optamos por preservar a identidade do entrevistado e dessa forma, garantir maior autenticidade nos dados da pesquisa.

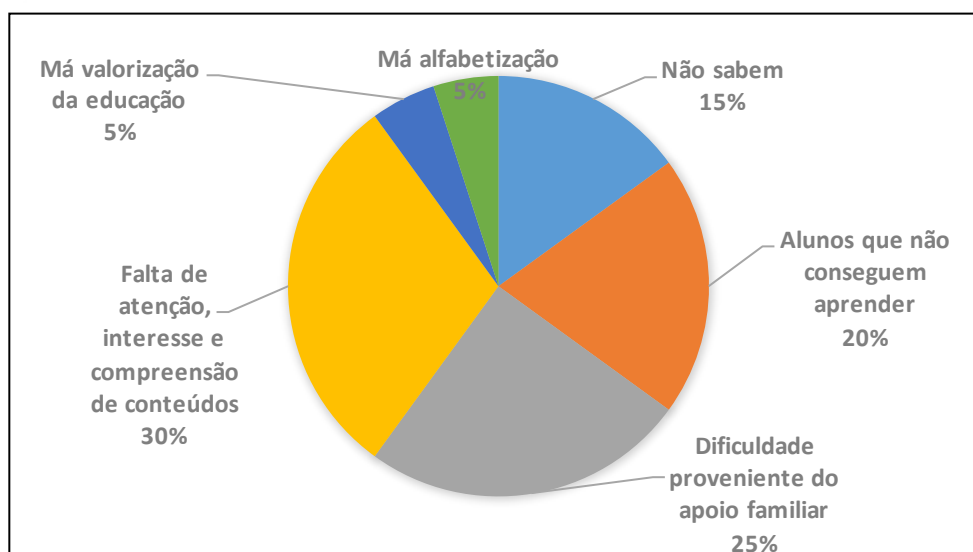
O questionário é composto de 10 questões. Na primeira, os professores foram interrogados sobre como eles definem as dificuldades de aprendizagem do aluno. Foi verificado que os mesmos definem essas dificuldades sob diversas óticas. Alguns professores citaram uma ou mais definições, como visualizado no gráfico 1:

***Gráfico 01: Como definir as Dificuldades de aprendizagem do aluno?***



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



**Fonte:** Pesquisa desenvolvida pela autora (2015)

Analisando o gráfico, é possível perceber que 3 (15%) dos 20 professores questionados não souberam definir as dificuldades de aprendizagem, fato esse preocupante para uma classe que lida o tempo todo com isso. Os outros 17 professores, da nossa amostra, responderam à questão citando um ou mais conceitos. Desses conceitos surgiram: alunos que não conseguem aprender, representando 20% da amostra segundo a visão dos professores; Dificuldade proveniente do apoio familiar, compondo 25% das opiniões; 30% dos conceitos estão representados pela falta de atenção, interesse e compreensão de conteúdo. Apenas 5% da amostra citou a má valorização a educação como definição para as dificuldades de aprendizagem e outros 5% citou a má alfabetização.

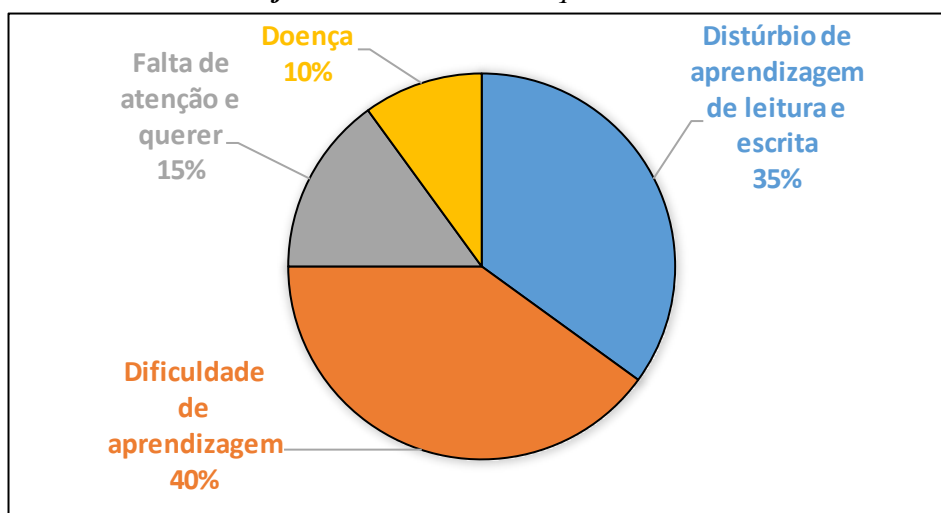
Esse quesito nos leva a entender que os professores parecem não saber definir ao certo o que são as dificuldades de aprendizagem. É notável que boa parte das respostas aparecem como sendo causa e não definição.

Segundo Coelho (2011), as dificuldades de aprendizagem são obstáculos que impedem a compreensão e uso da linguagem e podem ser vistas de formas específicas que é o caso da dislexia, disgrafia, disortografia e discalculia. Mas, nenhuma dessas foram citadas aqui.



Com relação a questão dois, quando questionados sobre o que é a dislexia, surgiram também diversas definições. Dentre as principais citadas, construímos o seguinte gráfico:

**Gráfico 02: Para você, o que é dislexia?**



**Fonte:** Pesquisa desenvolvida pela autora (2015)

Analisa-se que 7 (35%) professores assumem que a dislexia se trata de um distúrbio de aprendizagem da escrita e leitura. 8 (40%) concordam que a dislexia é uma dificuldade ou problema que o aluno apresenta. 3 (15%) afirmam que a dislexia está relacionada com a falta de atenção e o querer do aluno. E 2 (10%) professores afirmaram que se trata de um caso especial, ou seja, uma doença. Houve ainda em poucos casos, respostas relacionando a dislexia com preguiça, perturbação, e dificuldade momentânea.

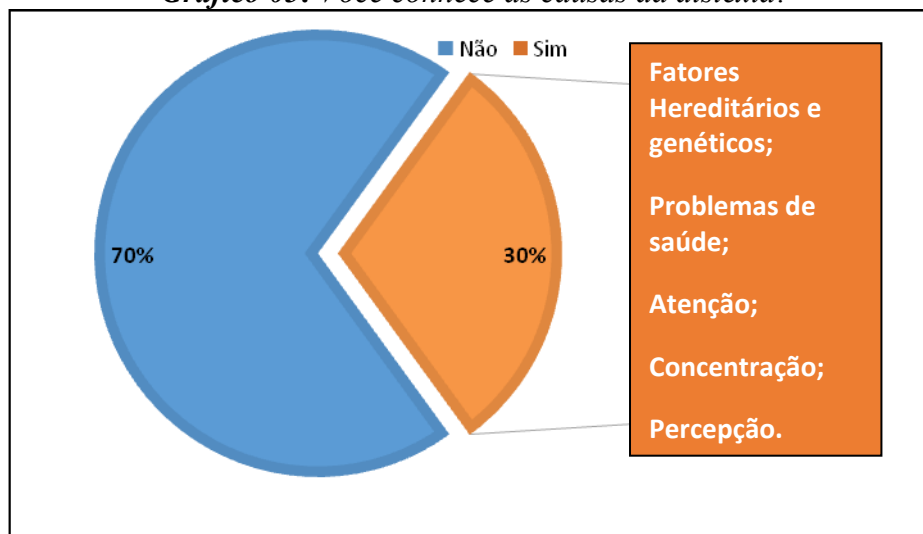
Essa pergunta veio reforçar o que encontramos na literatura: a prevalência de diversas definições para a dislexia, tratando-se então de uma indefinição propriamente dita. Porém, deixa uma incógnita com relação a primeira pergunta em que nenhum dos professores citaram a dislexia como sendo dificuldade de aprendizagem, e nessa questão boa parte reconheceu e definiu como sendo dificuldade (40%) ou distúrbio (35%) de aprendizagem. Mesmo assim, maior parte das respostas não fogem do que revelam essa pesquisa bibliográfica: “A dislexia vem sendo descrita na literatura como uma dificuldade ou distúrbio no processo de aprendizagem da leitura e da escrita (BLASI, 2006 *apud* MASSI e SANTANA 2011, p. 01) ”.





Na questão três, quando questionados sobre as causas da dislexia, dos 20 professores entrevistados, 14 (70%) assumem que não conhecem as causas da dislexia e 6 (30%) afirmam que reconhecem. As causas mais citadas pelos que dizem conhecer o distúrbio estão relacionadas com fatores hereditários e genéticos, problemas de saúde, atenção, concentração e percepção, como descrito logo abaixo:

**Gráfico 03:** *Você conhece as causas da dislexia?*



**Fonte:** Pesquisa desenvolvida pela autora (2015)

De acordo com o gráfico, há um número pequeno de professores que dizem conhecer as causas do distúrbio, e entre as citadas, algumas não estão relacionadas com as causas propriamente ditas, mas com as consequências da dislexia, que é o caso da atenção, concentração e percepção.

Na pergunta seguinte, os educadores foram interrogados sobre como os mesmos poderiam ajudar o aluno disléxico, 65% dos que responderam, que corresponde a 13 professores, afirmaram que podem ajudar o aluno com atividades diferenciadas e estimulantes, rodas de leitura, acompanhamento individual e fornecendo orientação aos pais para procurar ajuda médica, 6 (30%) dos professores afirmaram que não podem ajudar o aluno disléxico. Dos que responderam *Não*, um educador usou o espaço para deixar claro que



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

dislético precisa de uma equipe especializada para tratar esse distúrbio. Apenas 1 professor não respondeu essa questão.

Um fator relevante para esse quesito é que dos 30% de professores que afirmaram conhecer as causas da dislexia na pergunta anterior, (*Você conhece as causas da dislexia?*) somente um afirmou que não pode ajudar. Ou seja, conhece a dislexia, mas não dispõe de estratégia para auxiliar o aluno.

No quesito cinco, quando interrogados sobre as características da dislexia, 7 (35%) dos entrevistados afirmaram que não conhecem as características de um dislético e 13 (65%) responderam que sim. Das características citadas por estes últimos (65%), as frequentemente mencionadas foram dificuldades com o processo de leitura, escrita e aprendizagem, desatenção, inversões e troca de letras, sonolência em sala e outras características. As respostas não estão longe do que descreve a literatura, mas observamos que ainda há um número expressivo de educadores que não conhecem tais particularidades.

Com relação a questão seis, os profissionais foram interrogados sobre as possibilidades de detectar alunos com dislexia em suas salas de aula. Das respostas obtidas, 8 (40%) dos professores responderam que não tem como detectar, alguns alegaram que leva muito tempo de observação, 12 (60%) responderam que sim. Os dados obtidos nessa questão nos fazem perceber que há coerência com as repostas da pergunta anterior. Tecnicamente, o mesmo percentual de professores que conhecem as características dos disléticos também afirmou que seria capaz de detectar um aluno com esse distúrbio. Dessa forma, fica evidenciado a importância de conhecer as características do distúrbio para detectar os sinais.

Nessa próxima pergunta, quando interrogados sobre casos de dislexia em sua sala de aula, 11 dos professores, que corresponde a 55%, responderam que já tiveram alunos disléticos, 8 (40%) responderam que não. Houve um caso que a resposta não foi assinalada, mas o comentário foi "*já tive vários alunos, mas não tenho como diagnosticar doença*". Esse professor é o mesmo que afirmou na questão 4 que o dislético precisa de uma equipe especializada. Com base nesses dados, observamos que há um considerável número de





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professores que nunca tiveram nenhum tipo de contato com um aluno disléxico. Levando em consideração que esses professores possuem em média 16 anos de licenciatura e que os estudos para a dislexia apontam que a mesma atinge 10% da população brasileira, segundo a ABD (Associação Brasileira de Dislexia) (2010), é duvidoso que esse professor nunca tenha passado por essa experiência. Nesse sentido, poderíamos então nos questionar sobre a possibilidade de ter havido casos de dislexia para essa amostra de professores, entretanto essas ocorrências passaram despercebidas ou rotuladas por outro problema de aprendizagem.

Na questão seguinte, o professor foi interrogado sobre quais assuntos a sua formação acadêmica é satisfatória para abordar com outros professores ou pais de alunos. Para a obtenção de respostas, oferecemos cinco alternativas em que o educador poderia marcar uma ou mais. As alternativas e ocorrências de respostas estão expostas no quadro abaixo:

**Quadro 1:** *Qual assunto a sua formação acadêmica é satisfatório para abordar com outros professores ou pais de alunos.*

<i>Alternativas</i>	<i>Número de ocorrências</i>
<i>Dificuldade de aprendizagem</i>	9 ocorrências
<i>Causas e conseqüências das dificuldades de aprendizagem</i>	8 ocorrências
<i>Dislexia</i>	0 ocorrências
<i>Todas</i>	5 ocorrências
<i>Nenhuma das alternativas acima</i>	3 ocorrências

Fonte: Pesquisa desenvolvida pela autora (2015)

Das opções mencionadas, boa parte dos professores, que corresponde o total de 9, afirmam que sua formação acadêmica é satisfatória para abordar sobre as dificuldades de aprendizagem, seguido das causas e conseqüências das dificuldades de aprendizagem com 8 ocorrências. Apenas 5 dos 20 professores questionados afirmam que estão academicamente preparados para abordar sobre as alternativas mencionadas, incluindo a dislexia, que não apareceu como alternativa isolada em nenhum questionário. Detectamos ainda que há 3



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professores que revelam sua formação acadêmica como insatisfatória para a abordagem, com professores e pais, dos quesitos aqui discutidos.

Na penúltima questão, os professores foram interrogados sobre as possibilidades de mudanças em suas práticas para o atendimento de alunos com dificuldades de aprendizagem. Para as respostas, foi oferecido três alternativas: *Sim*, *Não* e *Eu prefiro que ele se adeque as minhas práticas*. Dos 20 professores questionados, 16 (80%) responderam que costumam mudar suas práticas para atender as necessidades do aluno, 3 (15%) responderam que não mudam e apenas 1 (5%) respondeu que prefere que o aluno se adeque as suas práticas.

Nesse quesito fica demonstrado que boa parte dos educadores evidenciam preocupação para o atendimento do público com problemas de aprendizagem. Por outro lado, mesmo que seja a minoria, ainda há professores que tem comportamento oposto a essa realidade. Sendo assim, ficamos nos questionando: qual o destino de um aluno disléxico tendo um professor que não se preocupa com sua dificuldade e tão pouco faz para que haja aprendizagem? A resposta para essa questão seria um aluno fracassado, sem possibilidades de aprendizagem e sem esperança de superação. A dislexia pode ser descoberta no período da alfabetização e durante todo o processo de aprendizagem, como sugeriu Ianhez e Nico (2002), todavia, se o professor não estabelece contato direto com o aluno e não se preocupa em realizar diferentes atividades para que outras dificuldades sejam expostas, esse aluno possivelmente não será alcançado e será rotulado como preguiçoso.

Por fim, na última questão, perguntamos aos professores se os mesmos já participaram de capacitação para lidar com possíveis “anomalias dos alunos”. Foram apresentadas três alternativas: *Sim*, *Não* e *Não acho necessário*. Dos 20 professores, 90% afirmaram que não possuem formação adequada para lidar com possíveis “anomalias dos estudantes”. Somente 10% dos questionados asseguram que possuem esse tipo de formação. Com base nesses dados, notamos que são números preocupantes, pois estamos falando de 20 professores que estão atuando em sala de aula, mas não podem lidar, ou até mesmo detectar, as dificuldades de aprendizagem.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sendo essas dificuldades tão comum no processo de ensino, acreditamos que esses educadores são desafiados constantemente, mas não tem como oferecer auxílio para essa amostra de estudantes, já que sua formação o torna limitado.

### **Conclusão**

O estudo das concepções dos professores do ensino fundamental sobre a dislexia foi de grande importância para o alcance dos objetivos propostos. O presente trabalho, embora fosse preciso de uma amostra maior de professores de matérias ou séries específicas, permitiu retirar diversas conclusões a respeito do ponto de vista dos educadores frente a dislexia.

Os dados expostos, revelam concepções heterogêneas e por vezes contraditórias. De modo geral, percebemos que não há falta de informação quanto ao termo “dislexia”, no entanto, há superficialidade e confusão quanto a posição dos professores. Ora conhece a dislexia, ora desconhece as causas, ora pode detectar os sinais de um disléxico, ora nega experiência com os mesmos na sua carreira.

A finalidade dos dados não buscou condenar o despreparo do professor para as dificuldades de aprendizagem, mas nos levou a questionar se essa realidade deriva das graduações (que ofertam poucas cadeiras para abordar sobre esses transtornos ou abordam superficialmente), da pouca procura do professor (que se encontra acomodado na busca de conhecimento) ou da oferta escassa (que deve ser oferecido pelo sistema para qualificar seus profissionais). Poderíamos ainda atribuir essa realidade ao conjunto desses três fatores juntos, o que seria ainda mais sério.

No entanto, ressaltamos que avaliar os motivos da má qualificação do professor como deficiência para lidar com as dificuldades de aprendizagem não foi nosso foco, mas seria um ponto importante para objeto de estudo de pesquisas futuras.

Contudo, percebemos que a falta de preparo do professor foi o que ficou evidenciado nessa pesquisa. Essa realidade, encontrada nos dois municípios estudados, nos desperta para uma reflexão no contexto geral de que muitos disléxicos têm sua vida estudantil fragmentada ou interrompida por não ter a compreensão que precisa na escola, principalmente do educador. Não queremos aqui atribuir a



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

culpa do fracasso escolar do disléxico ao professor, mas muito poderia ser feito por esse profissional se o mesmo fosse qualificado.

Sabendo que é o professor um dos primeiros profissionais a confrontar-se com essa dificuldade, com os dados obtidos nesse questionário asseguramos que há urgência em tornar ativo o profissional que o público disléxico precisa. Necessita-se, rapidamente, lutar para que a desinformação e outros fatores desse gênero não façam parte do roteiro do trabalho educacional, de modo a destruir vidas, futuros e sonhos.

### Referências Bibliográficas

ABD – **Associação Brasileira de Dislexia**. Disponível em: <[www.dislexia.org.br/](http://www.dislexia.org.br/)> Acesso em: 27 de março de 2015.

ALVES, Luciana Mendonça; MOUSINHO, Renata; CAPELLINI, Simone Aparecida. **Dislexia: Novos Temas, Novas Perspectivas**. Rio de Janeiro - RJ: WAK Editora, 2011.

COELHO, Diana Tereso. **Dificuldades de aprendizagem específicas: Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia**. Portugal - Areal Editores, 2011.

GONÇALVES, Thaís dos Santos; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. **Concepções de professoras de ensino fundamental sobre os transtornos de aprendizagem**. Revista CEFAC (Online), v. 16, p. 817-829, 2014.

IANHEZ, Maria Eugênia; NICO, Maria Ângela. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. Rio de Janeiro - RJ: Elsevier, 2002.

LUCA, Maria Ines Ocanã de. **Dislexia e atenção**. São Bernardo do Campo – São Paulo - UESP, 2009.

MASSI, Giselle; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. **A desconstrução o do conceito de dislexia: conflito entre verdades**. Ribeirão Preto – São Paulo - USP, 2011.